

COMPETITIVIDADE E PERFORMANCE ESPORTIVA EM TENISTAS PROFISSIONAIS

Saul Sebastian Orozco GALLEGOS*
José Geraldo MASSUCATO*
Antonio Carlos SIMÕES*
Paulo de Aguiar PROUVOT**
Roberto Masaishi Santos YOSHIKAWA***

RESUMO

Este trabalho pesquisou as influências da competitividade na performance esportiva individual em 24 tenistas profissionais brasileiros. A tendência comportamental (competidores, determinados e vitoriosos) entre atletas foi identificada através do Questionário de Orientação Esportiva (SOQ) formulado por Gill e Deeter (1988) e as coletas foram realizadas após jogos. A performance foi representada por pontos no “ranking” de entrada da Associação de Tenistas Profissionais (ATP). O levantamento da influência dos comportamentos competitivos na performance esportiva dos tenistas foi realizado através de análise estatística utilizando o método de parença (Bussab, Miazaky & Andrade, 1990). Os resultados encontrados indicam que a tendência ao comportamento determinado tem uma leve preferência entre os tenistas. Já o comportamento que apresenta uma performance superior não acentuada é obtido por tenistas com tendência ao comportamento competidor. Entretanto, a conclusão não fica limitada à indicação de um comportamento com melhor performance, e sim, que é possível orientar e obter tenistas bem-sucedidos nos três comportamentos estudados.

UNITERMOS: Competitividade; Performance esportiva; Psicologia esportiva; Tenistas profissionais.

INTRODUÇÃO

O tênis nacional tem destaque no cenário internacional desde a década de 60, com participação e sucesso em grandes torneios (“Taça Davis” Olimpíadas, “Masters” e torneios do “Grand Slam”). É possível citar Maria Ester Bueno (tricampeã de Wimbledon); Tomáz Koch e Edson Mandarino em 1966; Luiz Mattar, Jaime Oncins, Cássio Mota e Fernando Meligeni em 1992 (Semi-finalistas na Taça Davis); e Gustavo Kuerten (tricampeão de Roland Garros, campeão do “Masters” 2000, encerrou o ano 2000 como o número um do “ranking” da Associação de Tenistas Profissionais ATP).

Este fato tem estimulado o surgimento de muitos tenistas que pretendem alcançar o topo do nível profissional, representado por estes grandes exemplos de tenistas brasileiros. Entretanto, a maioria dos atletas não consegue atingir esse destaque, apesar de conhecerem as dificuldades e se empenharem física e tecnicamente.

Além dos fundamentos físicos e técnicos, que são básicos na preparação de atletas, existem outros fatores como, por exemplo, organização do trabalho, alimentação, fisioterapia.

* Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

** Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo.

*** Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo.

psicologia esportiva e outros que podem contribuir para alcançar o sucesso.

O fator psicológico tem sido considerado um dos aspectos críticos do desempenho esportivo. Métodos psicológicos utilizados na orientação competitiva podem trazer grandes contribuições para uma população mais adequada de tenistas competitivos e/ou cidadãos mais competentes e responsáveis (Gill, 1993).

Gill e Deeter (1988) multidimensionam a competitividade entre atletas e não atletas com tendências comportamentais que podem ser classificadas como **competidor**, **determinado** e **vitorioso**, utilizando o Questionário de Orientação Esportiva (SOQ). Esses comportamentos representativos de tendência na competitividade são descritos da seguinte forma:

- a) O comportamento com tendência a ser **competidor** (CTC) reflete o prazer de competir em qualquer situação, empenhando-se ao máximo por sucesso em cenários esportivos competitivos.
- b) No comportamento com tendência a ser **determinado** (CTD) em competição, o atleta estabelece objetivos com desejo pessoal que pode ser vitória em primeiro plano ou preparação para o desenvolvimento através de experiência e, na seqüência, vencer determinado campeonato de maior benefício.
- c) No comportamento com tendência a ser **vitorioso** (CTV), o atleta busca a vitória como único objetivo em comparação interpessoal e, em caso de derrota, a sua frustração é maior se comparada com os atletas com tendência aos comportamentos competidor e determinado.

O entendimento da orientação na competitividade pode auxiliar na avaliação de

performance esportiva de atletas, qualificando como eles estabelecem objetivos.

Alguns competidores ávidos por vencer superam desafios e sempre têm suas melhores performances em competições difíceis. Outros são apreensivos, evitam desafios e tendem a sentirem-se pressionados, ou têm um desempenho bem abaixo das expectativas. Estes comportamentos são observados mesmo entre atletas que competem regularmente e apresentam um bom desempenho nas competições (De Rose Junior, 1999). Com essa preocupação, foi desenvolvido um trabalho investigativo sobre a competitividade esportiva em atletas profissionais da modalidade tênis.

Essa investigação adiciona os trabalhos de Gill e Deeter (1988), Martens, Vealley e Burton (1990) e Weinberg e Gould (1999) como principal foco na comparação entre os comportamentos de competitividade e competência na performance esportiva. Utilizando o processo competitivo, buscamos o entendimento das etapas que estruturam esta pesquisa.

PROCESSO COMPETITIVO

Para conceituar o processo competitivo entre os aspectos sociais psicológicos (especialmente entre os comportamentos **competitivos**), procuramos estabelecer estratégias de trabalho em todos os níveis de preparação competitiva. A referência conceitual de Martens, Vealley e Burton (1990) permite compreender o processo competitivo, englobando Competição, Competitividade e Performance. O processo apresenta as situações em quatro estágios integrados, ilustrados na FIGURA 1.

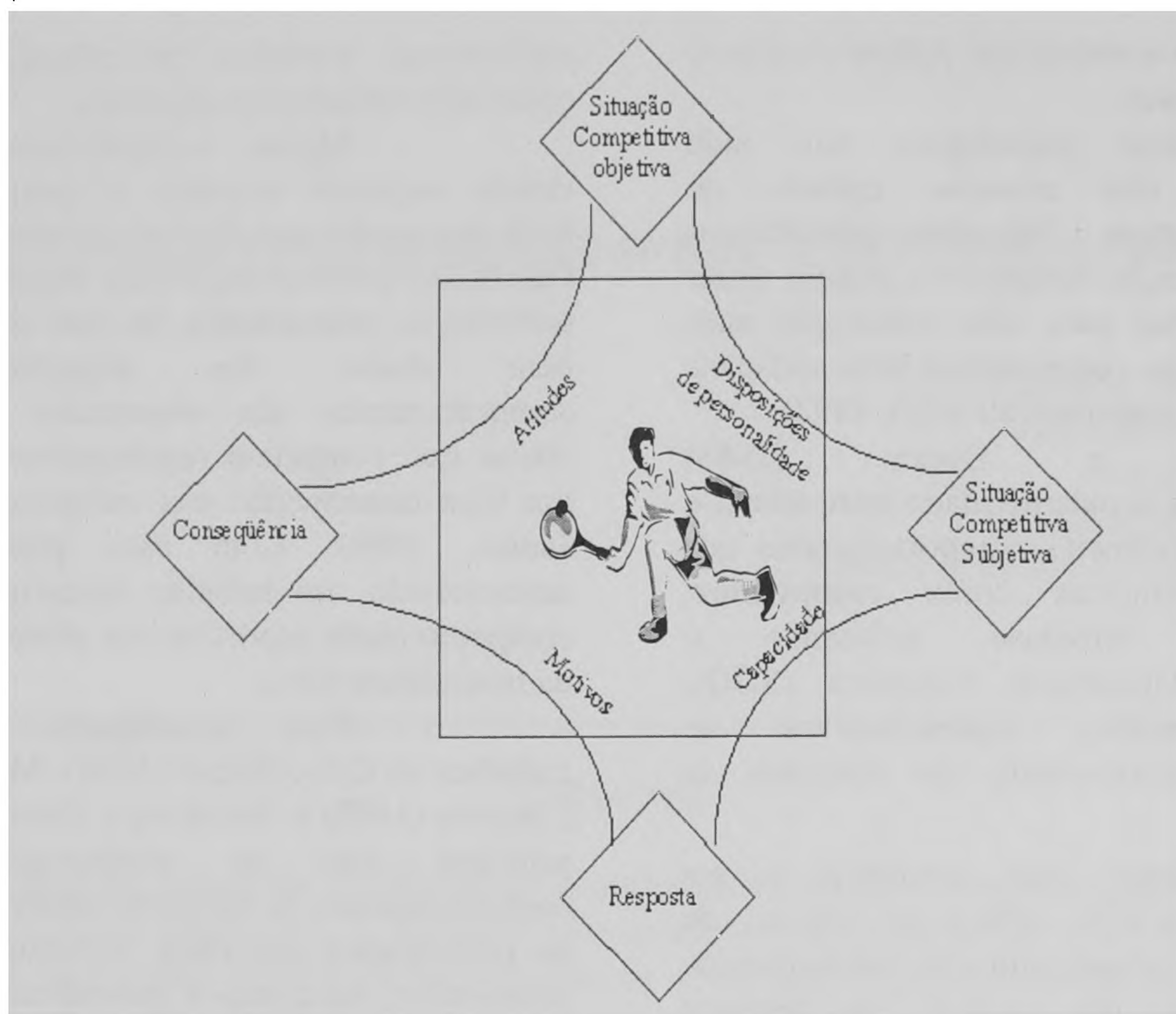


FIGURA 1 - Modelo adaptado de Martens, Vealley e Burton (1990), para o processo competitivo.

Estágio 1 - Situação Competitiva Objetiva (SCO): com o conhecimento das situações na competição, o indivíduo pode adequar seu objetivo para alcançar o nível de desempenho idealizado através de estratégias adequadas para enfrentar adversários.

Estágio 2 - Situação Competitiva Subjetiva (SCS): procura avaliar a adequação dos objetivos envolvendo o modo de percepção pessoal, aceitando e avaliando a SCO. Neste estágio é utilizado o Questionário de Orientação Esportiva (SOQ) que ligado ao conhecimento individual permite adequar objetivos e analisar subjetivamente a eficácia.

Segundo Figueiredo (2000), Hale e Whitehouse (1998), o estudo dos efeitos de avaliação não subjetiva em grupo, em intensidade e direcionamento da ansiedade competitiva através de comportamentos, tem como conseqüência a possibilidade de perceber as alterações no processo competitivo.

A soma dos fatores anteriores com os fatores intra-pessoais dá continuidade ao processo competitivo de Martens, Vealley e Burton (1990). Na seqüência são coletados resultados ou respostas (RES) representadas através de expressões na competição sejam elas: fisiológicas (aspectos cardiorespiratório, condição física e outros), psicológicas (aspectos de estresse, ansiedade,

motivação, agressividade e outros) e comportamentais (atitude competitiva boa ou má, disposição para enfrentar obstáculo e outros).

Estágio 3 - A RES depende do nível das três tendências de competitividade, definido no SCO entre níveis inferiores ou superiores. De acordo com Martens, Vealley e Burton (1990), os termos de comportamento podem ser identificados nas opções pelo tipo de adversário a enfrentar, por exemplo: alguém melhor do que você, proporcionando evolução na habilidade CTD; alguém inferior a você, permitindo vitória com certeza CTV; ou alguém do mesmo nível, para competir pelo prazer de alcançar a vitória em disputa equilibrada CTC.

Esse entendimento de comportamento individual permite ao orientador a adequação de objetivos e a realização de análise subjetiva comparando os resultados pessoais e em grupos.

Estágio 4 - as conseqüências (CON) ocorrem no processo competitivo através de comparação entre respostas individuais e médias entre o grupo que compete no mesmo nível (Martens, Vealley & Burton, 1990). Os quatro componentes do processo competitivo, somados aos fatores intra-pessoais, permitem o entendimento da complexidade do processo, sendo requisito fundamental para alcançar o sucesso

desejado sendo orientado competitivamente.

Considerando a competitividade uma qualidade necessária para obter uma performance esportiva de acordo com objetivos pessoais, as diferenças individuais também podem influenciar no modo de competir.

O objetivo deste trabalho é investigar a correlação entre a competitividade e a performance esportiva em tenistas profissionais, realizando comparação com resultados em parença entre comportamentos diagnosticados através do SOQ de (Gill & Deeter, 1988) e a performance esportiva mensurada pelos pontos obtidos por tenistas brasileiros no “ranking” de entrada da ATP.

Para atingir o objetivo deste trabalho, a comparação entre competitividade e performance esportiva foi realizada seguindo-se o método apresentado

MATERIAIS E MÉTODOS

Amostra

Foram observados 24 tenistas brasileiros profissionais masculinos com pontos no “ranking” de entrada da Associação de Tenistas Profissionais (ATP). Entre os profissionais não houve limite de idade máxima, mas foram avaliados os tenistas com idade mínima de 18 anos com média de 24 anos e que competiram profissionalmente em torneios internacionais.

Cada participante da pesquisa recebeu um documento garantindo sua privacidade na apresentação deste trabalho. Os atletas foram representados por identificação numérica ao longo da pesquisa.

Instrumentos e coleta de dados

Para Identificar o comportamento entre os tenistas foi utilizado o SOQ de Gill e Deeter (1988) específico para esporte, descrito no ANEXO I.

Esse questionário traduzido por Pereira e De Rose Junior (2000), foi validado por Gallegos (2001), com teste de hipótese baseado na distribuição t de Student (Bussab & Morettin, 1987), usando teste e re-teste com alunos do Centro de Práticas Esportivas da USP, e do Clube Ericsson, seguindo indicação de Trylinski e Teixeira (1974), também utilizado no trabalho de Page, Connor e Wayda (2000).

Após validar SOQ, passamos a sua aplicação entre os tenistas profissionais, iniciando pelos procedimentos.

Procedimentos

Os questionários foram respondidos na maioria dos casos após os jogos, relaxamento, banho, lanche e liberação do técnico, esse tempo de espera foi em média uma hora. A coleta de dados para avaliação de performance dos tenistas profissionais foi realizada através de pontos obtidos no “ranking” da (ATP) via site www.atptennis.com.

Análise estatística dos questionários

Após analisar as tendências verifica-se o grau de concordância ou discordância de cada uma delas na escala: A-B-C-D-E. A estas alternativas estão associados pontos de acordo com a escala do teste.

ESCALA DO TESTE Número de pontos associados a cada alternativa do SOQ:

A : Concordo totalmente	(5 pontos)
B : Concordo em parte	(4 pontos)
C : Indiferente	(3 pontos)
D : Discordo em parte	(2 pontos)
E : Discordo totalmente	(1 ponto)

Na seqüência, encontra-se a média entre as questões relacionadas a mesma tendência comportamental, evidenciando a preferência do atleta através da magnitude da média das respostas.

As médias foram utilizadas quantitativamente como fator independente, através de análise de dispersão (Bussab, Miazaki & Andrade, 1990; Bussab & Morettin, 1987; Hartigan, 1967; Kaufman & Rosseeuw, 1990), onde procurou-se uma parença entre os indivíduos de acordo com a média para cada tendência comportamental e as posições no “ranking”

Para definir o comportamento, foi utilizado como critério a tendência que possui a maior média entre as suas respostas no SOQ.

Definição da performance esportiva dos tenistas da ATP

Foi realizada através de pontuação obtida em torneios realizados durante um ano,

optando pela melhor performance entre os anos 1999 e 2000, visando coletar o maior número de tenistas baseado na possibilidade de haver encerramento de carreira em 1999 e início de outros no ano 2000.

Comparação entre competitividade e performance esportiva

A análise de dispersão torna possível comparar a tendência comportamental, com a proximidade do nível individual à média do grupo ao qual ele pertence, e com a performance individual na competição através de pontos no *ranking*. Esse método permite a inclusão de um número maior de informações tais como: performance em competição, tempo de treinamento, idade do praticante e outros itens que podem contribuir para o entendimento do nível de performance do atleta. Porém, as variáveis a serem utilizadas no trabalho serão:

- Variável 1 - comportamento competitivo individual e média do grupo.
- Variável 2 - comportamento determinado individual e média do grupo.
- Variável 3 - comportamento vencedor individual e média do grupo.
- Variável 4 - pontuação no "ranking" da competição individual.
- Variável 5 - média de pontuação no "ranking" em grupo e geral.

RESULTADOS

A TABELA 1 apresenta as respostas dos tenistas profissionais (identificados por número na coluna "JOGADOR") para o SOQ. Para cada tenista, são apresentados dados individuais como tempo de prática, idade e pontos no "ranking" da ATP nas colunas seguintes. As respostas do tenista para o SOQ são apresentadas nas colunas remanescentes e as alternativas escolhidas por cada um são associados com pontos de acordo com a TABELA 1.

TABELA 1 - Respostas dos tenistas profissionais.

comportamento	JOGADOR	tempo de prática	Idade	pontos ranking ATP	Questões																								
					1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
competidor do 1 ao 7	1	14	19	10	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5		
	2	13	28	22	5	5	4	4	5	5	5	5	5	5	5	4	5	4	5	4	4	5	4	5	5	5	5		
	3	13	23	477	5	5	5	4	5	4	5	5	5	5	4	5	5	4	5	5	4	4	5	5	4	4	4	5	
	4	17	25	6	5	5	5	5	5	5	5	3	5	4	4	5	5	3	5	4	4	5	4	5	5	5	5	5	
	5	10	19	12	5	4	5	4	5	3	4	4	4	5	4	5	5	3	5	4	5	5	3	4	4	4	5	5	
	6	15	25	120	4	4	5	3	5	1	5	4	4	5	4	5	4	2	5	5	3	4	5	5	5	5	4	4	5
	7	10	20	440	5	5	5	5	5	3	5	5	5	5	5	5	5	5	1	5	5	5	4	5	5	5	5	5	
determinado do 8 ao 17	8	10	18	5	4	5	5	5	4	1	5	5	5	5	5	5	5	4	4	5	5	4	5	5	5	4	5	5	
	9	18	28	268	4	4	3	4	5	5	4	5	3	3	4	4	4	3	4	5	4	4	3	5	4	4	4	4	
	10	14	25	1	5	5	5	4	5	5	5	5	4	5	5	5	5	4	5	5	5	4	4	5	4	5	4	5	
	11	14	24	14	5	4	5	5	4	5	5	5	5	4	5	4	4	5	5	5	5	4	5	5	4	4	5	5	
	12	15	25	63	5	5	5	5	3	3	3	4	5	4	5	5	5	1	5	5	5	3	5	3	4	5	3	4	3
	13	23	27	133	5	5	5	5	5	5	3	5	5	5	3	5	5	3	5	5	5	5	2	5	3	5	3	5	5
	14	25	28	480	4	4	5	5	5	2	4	5	5	4	5	5	5	1	5	5	5	3	2	5	5	5	4	5	5
	15	17	24	32	5	4	5	5	5	4	4	5	4	4	4	5	5	4	5	5	5	4	4	5	4	4	4	4	4
	16	22	27	7	5	5	5	5	5	5	5	5	5	4	5	5	5	2	5	5	5	2	4	5	4	5	5	5	5
	17	20	27	3	5	5	5	5	5	4	4	4	4	4	4	5	5	4	4	5	5	5	4	4	5	4	4	4	5
vencedores do 18 ao 24	18	11	19	3	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	4	5	5	5
	19	20	27	211	5	5	5	4	3	5	5	4	5	5	3	4	5	4	5	5	2	5	4	5	5	5	4	5	5
	20	13	22	165	5	4	3	5	3	5	3	4	5	5	11	4	4	5	3	2	5	5	2	5	3	4	5	5	5
	21	19	26	13	5	5	3	2	5	5	4	3	5	5	4	3	3	4	5	4	4	5	3	2	5	2	5	4	5
	22	20	31	245	5	4	3	4	5	5	4	5	4	2	3	4	5	4	3	3	3	5	5	5	4	5	5	3	4
	23	13	23	81	5	5	3	3	4	5	5	2	5	3	5	4	5	5	2	5	5	3	4	5	5	5	4	5	3
	24	14	22	80	5	5	5	4	4	4	4	5	5	5	5	3	5	5	5	5	5	5	4	4	3	5	3	4	5

Para identificar as tendências de comportamento individual, foram calculadas as médias das respostas do tenista para questões associadas a uma mesma tendência. Obteve-se, assim, três valores que foram considerados como

grau de tendência para cada comportamento. Os resultados são apresentados na TABELA 2, juntamente com o perfil individual de cada tenista (idade, tempo prática, “ranking”).

TABELA 2 - Dados pessoais e médias individuais por tendência.

comportamento	JOGADOR	tempo de prática	Idade	pontos ranking ATP	Média Competidor	Média Determinado	Média Vencedor
competidor do 1 ao 7	1	14	19	10	5.00	4.83	5.00
	2	13	28	22	4.85	4.50	4.67
	3	13	23	477	4.77	4.67	4.33
	4	17	25	6	4.77	4.50	4.50
	5	10	19	12	4.54	4.33	4.00
	6	15	25	120	4.46	4.33	3.50
	7	10	20	440	5.00	5.00	3.83
determinado do 8 ao 17	8	10	18	5	4.77	5.00	3.83
	9	18	28	268	3.85	4.50	3.83
	10	14	25	1	4.69	4.83	4.67
	11	14	24	14	4.77	4.83	4.33
	12	15	25	63	4.31	4.33	3.50
	13	23	27	133	4.15	5.00	4.67
	14	25	28	480	4.54	5.00	3.17
	15	17	24	32	4.46	4.83	4.00
	16	22	27	7	4.85	5.00	3.83
	17	20	27	3	4.54	4.83	4.17
vencedores do 18 ao 24	18	11	19	3	4.92	5.00	5.00
	19	20	27	211	4.31	4.50	4.83
	20	13	22	165	4.38	4.17	4.67
	21	19	26	13	4.31	3.00	4.33
	22	20	31	245	4.08	4.00	4.17
	23	13	23	81	4.23	4.00	4.33
	24	14	22	80	4.38	4.50	4.83

A tendência de comportamento é definida como aquela onde o jogador obteve maior média de pontos nas respostas do SOQ. No caso, a tendência é definida como aquela associada à coluna de maior valor na TABELA 2.

A TABELA 3 apresenta o número de atletas por tendência comportamental (definido pela TABELA 2) e suas respectivas médias de performance anual no "ranking" da ATP, entre os anos 1999 e 2000.

TABELA 3 - Médias de grupo em tendências e performance do grupo.

Grupo	Número de jogadores	Ranking médio
Competidores	7	155
Determinados	12	101
Vencedores	8	114

Nessa observação fica registrado que há tenistas com dupla tendência, colaborando em número de tendências e na performance no “ranking” da ATP. Três tenistas contribuíram com dupla tendência.

A melhor média nos pontos de performance é dos **competidores** (155). Em

segundo lugar ficam os **determinados** com média de 121 pontos e em terceiro lugar ficam os **vitoriosos** com média 101 pontos, adicionando que os tenistas com dupla tendência contribuem com sua performance na média dos três grupos.

Na TABELA 4 estão os resultados de tendência comportamental dos grupos.

TABELA 4 Médias das respostas em cada tendência para cada grupo.

Grupo	Ranking Médio	Média Questões Competidores	Média Questões Determinados	Média Questões Vencedores
Competidores	155	4,77	4,60	4,26
Determinados	101	4,49	4,82	4,00
Vencedores	114	4,37	4,17	4,60

Os resultados indicam médias muito semelhantes, apresentando leve tendência para definição de comportamento.

Para situar os tenistas com dupla tendência, eles foram analisados nas duas

tendências de comportamento e na performance de pontuação nos dois grupos.

A TABELA 5 apresenta o indivíduo em sua tendência comportamental e sua melhor performance anual no “ranking” da ATP

TABELA 5 - Comportamento indicado para cada atleta. Na coluna “comportamento” foram utilizadas as siglas (C) para **Competidor**, (D) para **Determinado** e (V) para **Vencedor**.

JOGADOR	tempo de prática	Idade	pontos ranking ATP	Comportamento
1	14	19	10	C / V
2	13	28	22	C
3	13	23	477	C
4	17	25	6	C
5	10	19	12	C
6	15	25	120	C
7	10	20	440	C / D
8	10	18	5	D
9	18	28	268	D
10	14	25	1	D
11	14	24	14	D
12	15	25	63	D
13	23	27	133	D
14	25	28	480	D
15	17	24	32	D
16	22	27	7	D
17	20	27	3	D
18	11	19	3	V / D
19	20	27	211	V
20	13	22	165	V
21	19	26	13	V
22	20	31	245	V
23	13	23	81	V
24	14	22	80	V

Foram observados na TABELA 5 as tendências comportamentais com a maior média e a melhor pontuação individual anual no “ranking” entre os anos 1999 e 2000 competindo nos torneios da ATP.

Os resultados acima podem ser resumidos em gráficos onde são utilizados média e desvio padrão dos três grupos para “ranking”: média das questões de comportamento competidor, determinado e vencedor.

Nas FIGURAS 2, 3 e 4, representamos cada grupo por uma figura geométrica, representando, como valor no eixo das

abscissas, o “ranking” médio do grupo e, como valor no eixo das ordenadas, a média das médias das questões relativas ao comportamento considerado (respectivamente competidor, determinado e vencedor). As barras verticais associadas a cada ponto indicam a dispersão dos valores do grupo e representam o desvio padrão das médias das questões relativas ao comportamento considerado. Assim, quanto menor o comprimento dessas barras, maior será a proximidade das respostas fornecidas pelos indivíduos classificados na mesma tendência comportamental.

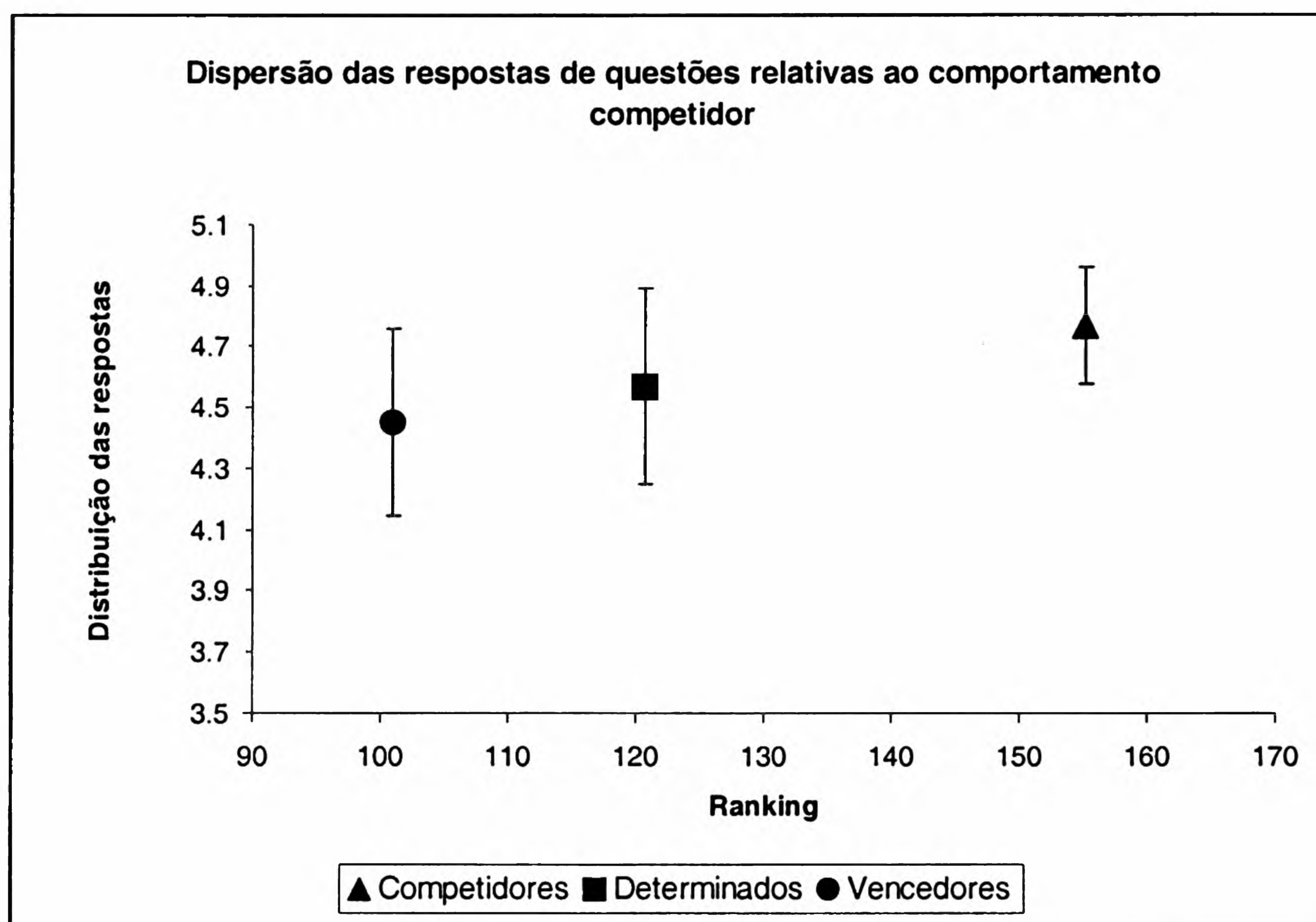


FIGURA 2 Comparação entre as tendências dos três grupos ao CTC e performance na pontuação do “ranking” anual da ATP entre os anos 1999 e 2000.

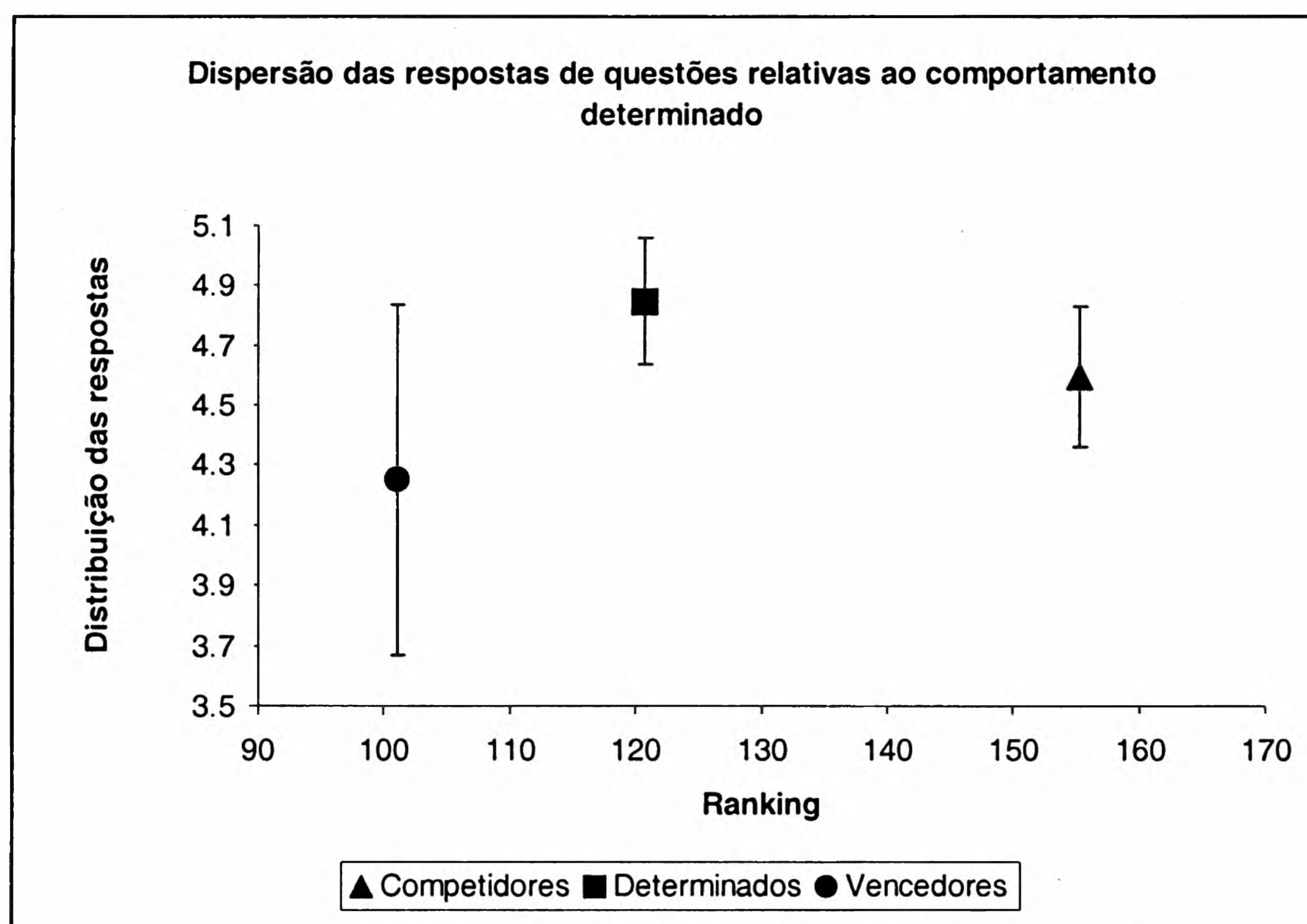


FIGURA 3 Comparação entre as tendências dos três grupos ao CTD e performance na pontuação do “ranking” anual da ATP entre os anos 1999 e 2000.

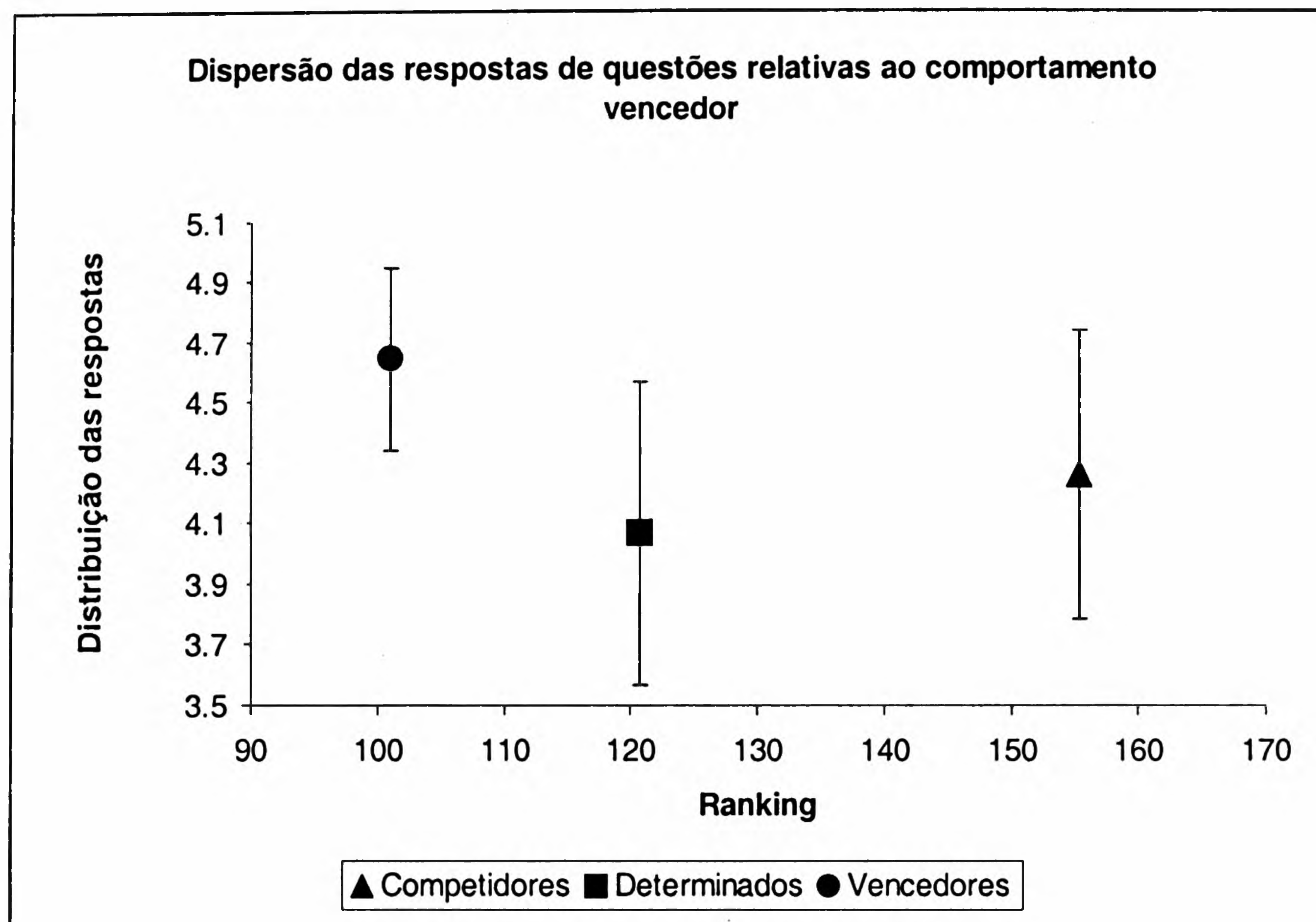


FIGURA 4 Comparação entre as tendências dos três grupos ao CTV e performance na pontuação do “ranking” anual da ATP entre os anos 1999 e 2000.

Com as figuras anteriores, é possível visualizar de forma mais direta os resultados apresentados anteriormente. Pode-se notar que cada grupo apresentou maior intensidade e concentração de suas respostas nas questões relativas a seus respectivos comportamentos. Observando a FIGURA 4, por exemplo, percebe-se que o grupo de vencedores teve suas médias de respostas nas questões relativas ao comportamento vencedor acima dos resultados obtidos para os

outros grupos e sua concentração também foi maior, indicando coerência nos resultados.

Com relação ao desempenho dos grupos em relação ao “ranking” podemos montar uma figura semelhante às anteriores. Dessa vez, porém, iremos representar cada grupo por uma barra horizontal indicando a faixa onde estão os valores do “ranking” para os respectivos indivíduos. O “ranking” médio do grupo é representado por um ponto na barra horizontal. Os resultados estão demonstrados na FIGURA 5.

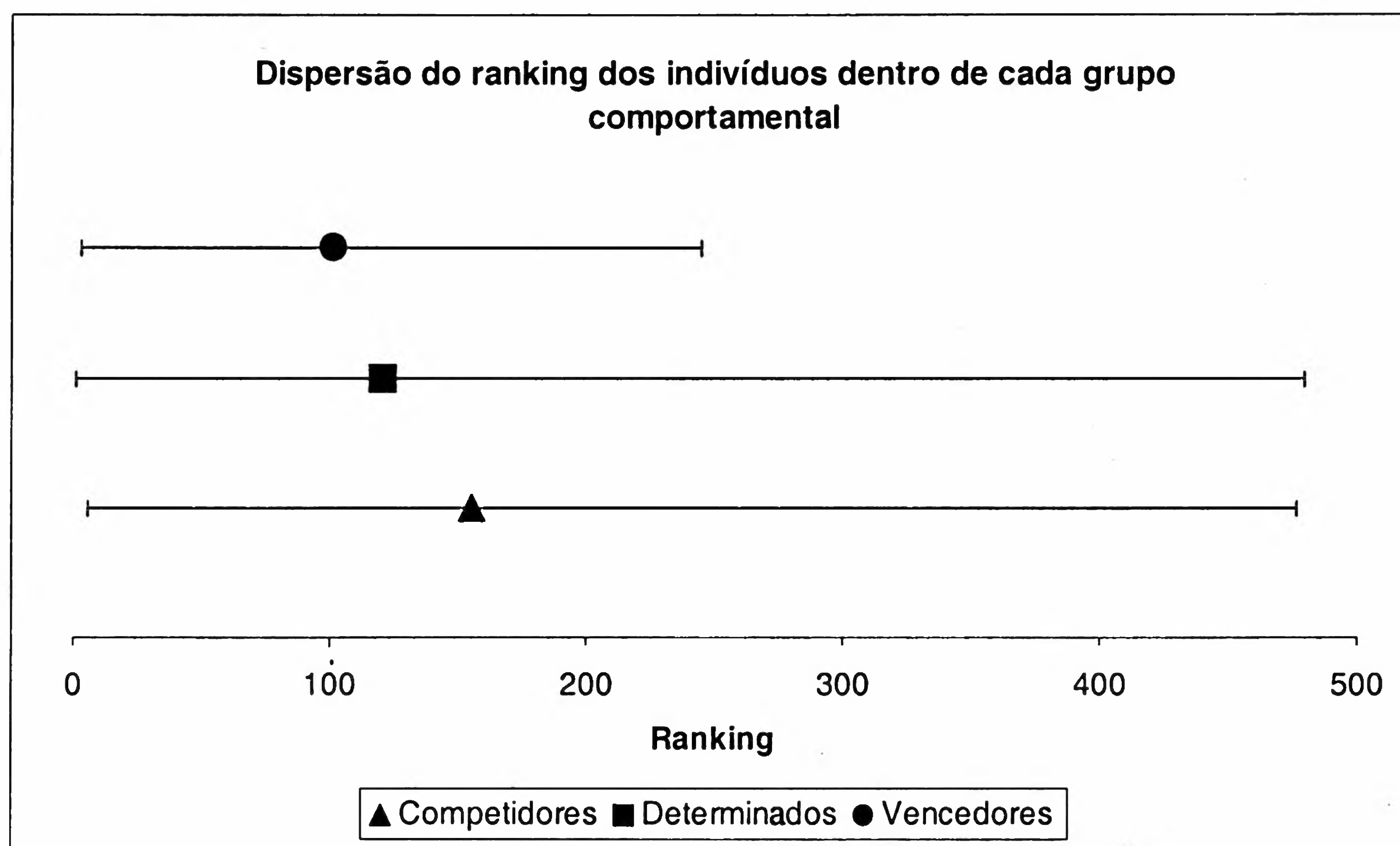


FIGURA 5 Comparação da distribuição de valores do “ranking” anual da ATP entre os anos 1999 e 2000 para os indivíduos de cada tendência comportamental.

A figura anterior indica que podemos encontrar tenistas com diferentes performances nos comportamentos **determinado e competidor**. O comportamento **vitorioso** novamente apresentou uma concentração maior em seus resultados. Porém, o grupo teve performance média inferior a dos outros grupos.

Nesta análise cabe ressaltar que os tenistas com a melhor performance esportiva apresentam uma redução acentuada no nível de comportamento **vitorioso**, representado pelas médias individuais mais baixas nessa tendência (ver FIGURA 4).

DISCUSSÃO

Os melhores resultados de pontuação no “ranking” foram obtidos por tenistas CTC com média do grupo de 155 pontos. Isto poderia indicar que um atleta de CTC tem melhor performance que atletas de outros comportamentos. Na verdade, a média do “ranking” do seu grupo é superior em função de dois tenistas que elevam a média: tenista 3 com 477 pontos e tenista 7 com 440 pontos, ficando a maioria abaixo de 30 pontos. Por um lado, pode-se perceber que dois dos três melhores tenistas avaliados apresentaram CTC. Por outro lado, não se pode concluir que esse fator seja

determinante para um bom desempenho em competições, também não se pode concluir que o nível de CTC seja determinante, pois sua média fica em primeiro lugar, seguida CTC e CTV.

Para comparar com outros resultados semelhantes na literatura há um número reduzido de estudos na área de avaliação dos comportamentos (competidores, determinados e vitoriosos), através do SOQ apresentado por Gill e Deeter (1988).

De acordo com Hollander e Acevedo (2000), Gill (1993), Burton (1989), Gill e Deeter (1988), a preferência dos atletas tende para o CTC. Esse resultado é semelhante ao obtido neste estudo, porém a tendência dos tenistas profissionais nesse comportamento é mais elevado. Outros resultados nessas investigações indicam que os atletas têm maior índice de CTC e CTV do que os praticantes que jogam apenas por prazer (que tendem com intensidade semelhante aos atletas no CTC, mas bem inferiores aos tenistas profissionais).

Esses estudos impulsionam investigações que adicionam diferenciados métodos de comparação, não delimitando a investigação entre atletas e não atletas, mais especialmente comparando a performance com as tendências comportamentais, com atletas de alto nível, que é o objetivo central desta investigação.

Após a diferenciação entre atletas e praticantes por lazer, os estudos de Pereira e De Rose Junior (2000) se aprofundam e fazem a comparação de intensidade na competitividade, limitada a atletas de alto nível. Isso foi considerado como um dos fatores mais importantes para identificar os atletas vencedores e aqueles que tenham como objetivo apenas a experiência de participação. Essa investigação foi realizada aplicando-se o SOQ entre duas equipes (basquete feminino N = 12 e handebol masculino N = 15) que participaram dos Jogos Olímpicos de Barcelona - 1992.

A conclusão foi que não houve diferença significativa entre as equipes, o que sugere um perfil semelhante no nível de competitividade entre os participantes. Como essas equipes são de nível internacional, os resultados apresentados nesse trabalho adicionam que não há diferença significativa entre atletas do sexo masculino e feminino, e solidificam os resultados neste trabalho com a semelhança no nível de orientação competitiva, porém esse estudo não apresenta interligações entre comportamentos e performance. Este trabalho permite um mais aprofundado estudo porque, ao tratar de tenistas profissionais, o desempenho individual pode ser quantificado e de forma direta com a orientação competitiva definida pelo nível de tendência. O estudo individualizado é dificultado em pesquisas nos esportes coletivos.

Outro estudo realizado com atletas de alto nível utilizando o SOQ revela que esses atletas tendem com mais intensidade aos CTV e CTD (Hardy, Jones & Gould, 1996). Esse exemplo evidencia que os indivíduos podem ter comportamentos duplos com a mesma intensidade. Esse diagnóstico que engloba dupla tendência também ocorreu na presente investigação, ainda que diferenciadas as tendências. Vale ressaltar que houve um número reduzido de casos com tendência dupla.

Acevedo, Dzewaltowski, Gill e Noble (1992) apresentam em primeiro plano a semelhança de tendências comportamentais à competitividade entre os sexos de ultramaratonistas californianos. O CTD tem a maior tendência e maior nível nessa investigação, ficando logo abaixo o CTC nos dois itens, e bem abaixo (próximo da tendência nula) o CTV apesar de relacionar de modo direto os fatores sociais que representam a vitória e derrota.

O diagnóstico e conclusão de Acevedo et alii (1992) podem indicar que os atletas

com melhor performance apresentam semelhantes de tendências com esta investigação, sendo única diferença o fato de não haver dados quantitativos para realizar comparações mais aprofundadas.

Os resultados que Perry e Williams (1998) encontraram utilizando o questionário alterado de Martens, Vealley, Burton, Bump e Smith (1982, 1990) por Jones e Swain (1992) introduzem intensidade nas questões procurando entender os sintomas que facilitam e debilitam a performance esportiva, relacionando intensidade e direção da ansiedade traço competitiva com o nível de habilidade e sexo no tênis.

Perry e Williams (1998) buscam o esclarecimento dos sintomas (intensidade na ansiedade somatotipo, ansiedade cognitiva e confiança pessoal) que podem alterar a performance esportiva facilitando ou debilitando em três níveis de habilidade (iniciantes, intermediários e avançados) com participantes masculinos e femininos. O objetivo desse trabalho tem semelhança profunda com o trabalho de Gill e Deeter (1988), mas segundo Jones e Swain (1992) este apenas distingue atletas indecisos com baixa e alta orientação competitiva, não encontrando nenhuma diferença na percepção da intensidade entre ansiedade cognitiva e somatotipo.

Essa crítica pode ser entendida como impulso a todos os pesquisadores, pelo fato de nenhuma pesquisa atual conseguir fechar definitivamente o entendimento dos meios de atingir o sucesso na orientação esportiva. Adicionando que a indicação de Weinberg e Gould (1999) e Jones e Swain (1995) para estudar o aspecto comportamental durante a performance competitiva tem fornecido um dos fatores de maior importância no esporte. Os atletas estão constantemente em situações decisivas, onde as diferenças de nível competitivo podem determinar os atletas com maior sucesso em competição.

CONCLUSÕES

Após essa discussão, em praticamente todos os estudos ficou demonstrado que o SOQ pode contribuir na identificação das tendências e diferenças entre a competitividade dos atletas de alto nível e aqueles que participam apenas por prazer, mesmo que esse prazer seja em competições, envolvendo qualidade, funcionalidade, objetividade e análise quantitativa.

A pesar de alguns pesquisadores não apoiarem esse método de diagnóstico

comportamental, a maioria tende a contribuir na solidificação do SOQ, uma vez que, esse questionário pode ser utilizado em uma ampla amostra no esporte.

Ainda não obtendo dados para discussão e conclusão qualitativa e quantitativa deste trabalho (comportamentos x performance) fica indicado que, entre os três comportamentos, há uma leve preferência para o CTD observada nos resultados de tendência exclusiva (cinco para CTC; 10 para CTD e seis para CTV) e em tendência dupla (um CTC/CTD; um CTC/CTV e um CTD/CTV).

Outra definição na comparação indica que mais da metade dos tenistas com a melhor performance esportiva apresenta uma média reduzida, acentuadamente no CTV.

Considerando que entre os tenistas com CTV não houve um destaque semelhante aos obtidos pelos outros comportamentos, fica a conclusão de que pode haver uma interferência negativa desse comportamento, devido ao fato de que o tenista se auto impulsiona sem limites,

exigindo apenas o sucesso, destacando-se que, em caso de derrotas, as respostas intrínseca e extrínseca são diagnosticadas com maior intensidade. Apesar desses fatos, temos que destacar que nesse comportamento houve maior parença entre atletas do mesmo grupo.

Esses resultados não limitam os indivíduos a uma orientação competitiva (delimitada a uma tendência comportamental) pelo fato de haver tenistas de todos os comportamentos entre os bem classificados na ATP. Isso tem um valor prático interessante. Eles indicam que o técnico pode orientar os tenistas com base em dados fornecidos sobre a tendência competitiva pessoal.

Os resultados obtidos pelos tenistas de CTV foi o de menor pontuação na performance e também de menor tendência competitiva em todos os comportamentos. Esse fato merece futura investigação, colocando esse comportamento como uma possível fonte de exigência ao sucesso, podendo colocar o tenista numa situação de estresse.

ANEXO I Questionário de orientação esportiva - adaptado.

Sport Orientation Questionnaire - Form B (Gill & Detter 1988)

Clube: _____ Idade: _____ Tempo de prática _____

Melhor pontuação no ranking de espera da ATP entre 1999 _____ e 2000 _____.

As afirmativas abaixo descrevem reações e situações esportivas. Queremos saber como você se sente, normalmente, em relação aos esportes e à competição. Leia cada afirmativa e marque a letra que indica o grau de concordância ou discordância de cada uma delas na escala: A-B-C-D-E. Não há respostas certas ou erradas; apenas as responda sinceramente. Não gaste muito tempo em cada uma delas. Lembre-se, escolha a letra que descreve o seu sentimento costumeiro sobre esportes e competição.

A = concordo totalmente; B = Concordo em parte; C = Indiferente; D = Discordo em parte; E = Discordo totalmente.

1.	Eu sou um competidor determinado	A	B	C	D	E
2.	Vencer é importante	A	B	C	D	E
3.	Eu sou uma pessoa competitiva	A	B	C	D	E
4.	Eu estabeleço objetivos próprios quando estou competindo	A	B	C	D	E
5.	Eu tento vencer com muito empenho	A	B	C	D	E
6.	Marcar mais pontos que o adversário é muito importante para mim	A	B	C	D	E
7.	Eu fico na expectativa para competir	A	B	C	D	E
8.	Eu sou mais competitivo quando estabeleço objetivos pessoais	A	B	C	D	E
9.	Eu gosto de competir contra os outros	A	B	C	D	E
10.	Eu odeio perder	A	B	C	D	E
11.	Eu me supero nas competições	A	B	C	D	E
12.	Eu tento o máximo quando tenho um objetivo específico	A	B	C	D	E
13.	Meu objetivo é ser o melhor atleta possível	A	B	C	D	E
14.	Só me sinto satisfeito quando venço	A	B	C	D	E
15.	Eu quero ter sucesso no esporte	A	B	C	D	E

continua

16.	Desempenhar da melhor maneira é muito importante para mim	A	B	C	D	E
17.	Eu trabalho duro para ter sucesso no esporte	A	B	C	D	E
18.	Perder me deixa aborrecido	A	B	C	D	E
19.	O melhor teste para minha capacidade é competir contra os outros	A	B	C	D	E
20.	Alcançar objetivos de desempenho pessoal é muito importante para mim	A	B	C	D	E
21.	Eu fico na expectativa de ter oportunidade de testar minha habilidade em competição	A	B	C	D	E
22.	Eu sinto a maior alegria quando venço	A	B	C	D	E
23.	Eu tenho meu melhor desempenho quando estou competindo contra os outros	A	B	C	D	E
24.	A melhor maneira de determinar a minha capacidade é estabelecer um objetivo e tentar alcançá-lo	A	B	C	D	E
25.	Eu quero ser o melhor toda vez que estou competindo	A	B	C	D	E

ABSTRACT

COMPETITIVENESS AND SPORT PERFORMANCE IN PROFESSIONAL TENNIS PLAYERS

This research investigated the influences of the competitiveness behaviour on individual sports performance, particularly with 24 Brazilian Professional tennis players. The athlete's behaviour trends (competitive, goal and win) were obtained from responses given to the Sport Orientation Questionnaire (SOQ) formulated by Gill and Deeter (1988), and the collection was given at the end of the games. The tennis players' sport performance was given by scores gained according to the Association Tennis Professional (ATP) Entry System Ranking. In order to survey the influence of Competitive Behaviour on the tennis players' performance, a statistical analysis was carried out by using the similarity method (Bussab, Miazaky & Andrade, 1990). The results found indicated that: The determinant behaviour majority of athletes showed with a trend toward, and the behaviour with better performance results was competitive. However the conclusion does not restrict to indicate the one best performance behaviour, but that it may be possible to orient and form successful tennis players in the three studied behaviour.

UNITERMS: Competitiveness; Sport performance; Sport psychology; Professional tennis players.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACEVEDO, E.O.; DZEWALTOWSKI, D.A.; GILL, D.L.; NOBLE, J.M. Cognitive orientations of ultramarathoners. *The Sport Psychologist*, Champaign, v.6, p.242-52, 1992.
- BURTON, D. Winnihg isn't everything: examining the impact of performance goals on collegiate swimmers' cognitions and performance. *The Sport Psychologist*, Champaign, v.3, p.105-32, 1989.
- BUSSAB, W.; MIAZAKI, E.; ANDRADE, D.F. Introdução à análise de agrupamento. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE PROBABILIDADE E ESTATÍSTICA, 9., São Paulo, 1990. *Anais...* São Paulo: Associação Brasileira de Estatística, 1990. p.59.
- BUSSAB, W.O.; MORETTIN, P.A. *Estatística básica, métodos quantitativos*. São Paulo: Atual, 1987.
- De ROSE JUNIOR, D. *Situações específicas e fatores de stress no basquete de alto nível*. 1999. Tese (Livro-Docência) Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo. p.9-14.
- FIGUEIREDO, S.H. Variáveis que Interferem no desempenho de atleta de alto rendimento. In: RUBIO, K. (Org.). *Psicologia do esporte: interface, pesquisa e intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- GALLEGOS, S.S.O. *Competitividade e performance esportiva em tenistas profissionais*. 2001. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo. p.60-7.
- GILL, D.L. Competitiveness and competitive orientation in sport. Sport. In: SINGER, R.N.; MURPHEY, M.; TENNANT, L.K. (Eds.). *Handbook of research on sport psychology*. New York: MacMillan, 1993. p.314-28.
- GILL, D.L.; DEETER, T.E. Development of the sport orientation questionnaire. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, Reston, v.59, n.3, p.191-202, 1988.
- HALE, B.D.; WHITEHOUSE, A. The effects of imagery-manipulated appraisal on Intensity and direction of competitive anxiety. *The Sport Psychologist*, Champaign, v.12, p.40-51, 1998.

HARDY, L.; JONES, G.; GOULD, D. **Understanding psychological preparation for sport: theory and practice for elite performers.** Chichester: John Wiley & Sons, 1996.

HARTIGAN, J.A. Representation of similarity matrices by trees. **JASA**, v.62, p.1140-58, 1967.

HOLLANDER, D.B.; ACEVEDO, E.O. Successful english channel swimming: the peak experience. **The Sport Psychologist**, Champaign, v.14, p.1-16, 2000.

JONES, G.; SWAIN, A. Intensity and direction dimensions of competitive state anxiety and relationships with competitiveness. **Perceptual and Motor Skill**, Missoula, v.74, p.467-72, 1992.

_____. Predispositions to experience debilitating and facilitative anxiety and elite and nonelite performers. **The Sport Psychologist**, Champaign, v.9, p.201-11, 1995.

KAUFMAN, L.; ROSSEEUW, P. **Finding groups in data: an introduction to cluster analysis.** Belgium: John Wiley & Sons, 1990. p.108-26.

MARTENS, R.; VEALLEY, R.S.; BURTON, D. **Competitive anxiety in sport.** Champaign: Human Kinetics, 1990.

MARTENS, R.; VEALLEY, R.S.; BURTON, D.; BUMP, L.A.; SMITH, D.E. **Competitive anxiety in sport.** Champaign: Human Kinetics, 1990.

_____. **Competitive state anxiety inventory 2.** College Park, NASSPA, 1982. [Symposium Conducted at the Annual Conference for the North American Society for Sport and Physical Activity].

MASLOW, A.H. **Toward the psychology of being.** New York: Van Nostrum, 1968.

PAGE, S.J.; CONNOR, E.; WAYDA, V.K. Exploring competitive orientation in a group of athletes participating in the 1996 Paralympic Trials. **Perceptual and Motor Skills**, Missoula, v.91, p.491-502, 2000.

PERRY, J.D.; WILLIAMS, J.M. Relationship of intensity and direction of competitive trait anxiety to skill level and gender in tennis. **The Sport Psychologist**, Champaign, v.12, p.169-79, 1998.

TRYLINSKI, H.C.V.; TEIXEIRA, G.J.W. **O questionário na pesquisa psico-social e conhecimento do problema.** São Paulo: Departamento de Administração/FEAUSP, 1974.

WEINBERG, R.S.; GOULD, D. **Foundations of sport and exercise psychology.** Champaign: Human Kinetics, 1999. p.95-114.

Recebido para publicação em: 11 mar. 2002

1a. revisão em: 18 maio 2002

2a. revisão em: 02 out. 2002

3a. revisão em: 02 dez. 2002

Aceito em: 04 dez. 2002

ENDEREÇO: Saul Sebastian Orozco Gallegos
Laboratório de Psicossociologia do Esporte (LAPSE)
Escola de Educação Física e Esporte - USP
Av. Prof. Mello Moraes, 65
05508-900 São Paulo SP - BRASIL
e-mail: saulgall@usp.br